

A Festividade do Divino Espírito Santo e Sua Resistência Cultural, uma Análise do Ritual (Vila Espírito Santo-Marabá-PA).

La Festividad del Divino Espíritu Santo y Su Resistencia Cultural, un Análisis del Ritual (Vila Espirito Santo-Maraba-Para).

Priscila Dias Pinto¹
Sheila Kaline Leal da Silva²
Gisela Macambira Villacorta³

Resumo

Neste artigo busco mostra aos leitores como se da o “ritual” do “Festejo do Divino” na vila Espírito Santo, que fica localizada no bairro de São Felix II, um dos distritos urbanos da cidade de Marabá-Pará-Brasil, a pesquisa se da através de relatos obtidos do trabalho de campo feito para o trabalho de conclusão de curso de uma das autoras deste artigo, do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), buscando uma ótica etnográfica. Na vila o ritual em si que envolve a festividade se dá como uma maneira de resistência tanto cultural, como familiar, o prazer que os moradores têm em manter é uma coisa inexplicável, pois mesmo sem um apoio mais centrado, eles não param a caminhada e acabaram por caminhar com suas próprias pernas. A metodologia usada consiste em pesquisas bibliográficas, entrevistas e questionário, e entrevistas semi-estrurada e o trabalho de campo.

Palavras-Chave: Festa do Divino; Etnografia; Festividade.

Resumen

En este artículo busco muestra a los lectores como si del "ritual" del "Festejo de lo Divino" en la villa Espirito Santo, que se encuentra ubicada en el barrio de San Felix II, uno de los distritos urbanos de la ciudad de Marabá-Pará-Brasil, a través de relatos obtenidos del trabajo de campo realizado para el trabajo de conclusión de curso de una de las autoras de este artículo, del curso de Ciencias Sociales de la Universidad Federal del Sur y Sudeste del Pará (UNIFESSPA), buscando una óptica etnográfica. En la villa el ritual en sí que envuelve la festividad se da como una manera de resistencia tanto cultural, como familiar, el placer que los habitantes tienen en mantener es una cosa inexplicable, pues incluso sin un apoyo más centrado, no paran la caminata y acabaron por caminar con sus propias piernas. La metodología utilizada consiste en investigaciones bibliográficas, entrevistas y cuestionario, y entrevistas semiestrucadas y el trabajo de campo.

Palabras Clave: Fiesta del Divino; Etnografía; Festividad.

¹Priscila Dias Pinto, graduanda de ciências sociais, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará UNIFESSPA.

² Sheila Kaline Leal da Silva, graduada em serviço social, assistente social na, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará UNIFESSPA.

³ Doutora em Antropologia da Religião, docente Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará UNIFESSPA.

1-INTRODUÇÃO

Vários autores trabalharam com a perspectiva do ritual para poderem explicar tanto como se daria o andamento de certas sociedades desconhecidas ou não, e como todo aquele sistema que envolve vários rituais se constrói diante de significados que englobam várias perspectivas afins.

Como bem analisa o antropólogo Sergio Ferretti (1999), que nos fala que essa festividade e um ritual do Catolicismo, mas que, porém em algumas regiões maranhenses ela esta ligada ao tambor de minas. Vemos aqui uma de tantas particularidades que envolvem a festividade na vila Espirito Santo.

Mariza Peirano (2003), em seu livro Rituais ontem e hoje faz um pequeno apanhado de como se dá a evolução dos estudos dos rituais durante os séculos, explicando todos os paradigmas e evoluções que surgiram diante dos estudos ritualísticos. Começando pelos exemplos de Malinowski e Boas com o Kula e o Potlach, respectivamente, que buscaram explicar o verdadeiro significado que envolvia esses fenômenos bastante contestados em seu tempo.

Esse fenômeno cultural, não nos fez sentido em um primeiro momento e algumas coisas ainda não me fazem sentido porém a resistência cultural da mesma os levam a seguir tradicionalmente tudo o que os mais velhos faziam, não costumam mudar nada que envolve todas as etapas do ritual a não ser quando acontece algum imprevisto que e inevitável muitas das vezes, cada dia da festividade tem uma sequência de acontecimentos que precisa ser feita, sendo na vila passada por uma tradição familiar.

2- DISCUSSÃO

Assim a partir dos estudos de Malinowski (1978) e Boas (2004), começamos a pensar em ritual, dentro de um tempo histórico em que se pensava através da ciência e da racionalidade esses estudos começam a quebrar algumas regras pré-estabelecidas dentro da sociedade, magia e religião era algo muito contestado e que acaba se tornando um tema bem relevante para os estudos antropológicos. Para alguns, essa ligação entre magia e religião relacionada ao ritual é algo ultrapassado, porém para outros autores isso leva a algumas explicações que poderiam ajudar como se pensar a forma de sociabilidade dentro da sociedade. Podemos analisar esta dualidade a partir de Durkeim e Tylor onde Durkeim leva em consideração que os estudos sobre rituais seria necessária para que uma sociedade estivesse uma moral necessária a um certo grupo de pessoas, onde em sua concepção rituais e representações surgem como um vínculo que acaba gerando uma eficácia social, já para Tylor os rituais não se derivavam da sociedade que nem na concepção durkeiminiana , mas sim que ela seria um produto da evolução natural ele também trata os costumes como algo irracional.

Se pensarmos a festividade do Divino como algo irracional igual se pensar Tylor (1871), nos limitaríamos e deixaríamos que detalhes passassem por nossos olhos, pois se bem observamos todo o ritual que compõe a festividade, observar desde a chegada dos foliões que assim chamado por eles e a abertura oficial da festividade ate a derrubada do mastro momento em que se finaliza a mesma, não conseguiríamos observar que a mesma leva a uma moral segundo Durkeim (2003) nos coloca, e para aquele grupo de pessoas que moram naquela vila além de tudo e uma forma de união entre os mesmos.

Para os estudos dos rituais surge então Van Gennep que traz com ele aspectos importantes sobre os rituais, que segundo Mariza Peirano nos coloca ele:

[...] enfatizou a importância da troca ritual (assim antecipando Malinowski e Mauss na análise da reciprocidade); finalmente, notou a similaridade entre a estrutura dos ritos individuais e dos ritos grupais. É importante mencionar que, aderindo ao método comparativo (Van Gennep se definia como etnógrafo e folclorista), ele se afastava daqueles que, como Frazer e Tylor, davam ênfase especial à psicologia individual. Para ele, os padrões das cerimônias deveriam ser examinados como totalidades e a comparação deveria se basear nas similaridades de estrutura, mais que de conteúdo. Assim, podemos dizer que, ao contrário daqueles que propunham isolar estágios de desenvolvimento (como fetichismo, animismo, totemismo etc.), Van Gennep estava mais interessado na dinâmica da mudança que o ritual favorecia. (2003, p.16-17)

Analisando a festividade assim como Van Gennep, percebo em meio ao campo que toda a estrutura que compõe todas as fases de cada ritual deveria ser analisada de maneira geral, pois além de todos eles traziam consigo vários significados que teríamos que decifrar em meio a cada um deles. Algumas raízes não se perderam durante os séculos da festividade.

Analisando aqui a festividade da vila Espírito Santo com a festividade de São Luís, para tentar mostrar algumas diferenças que se tem entre as mesmas, a primeira está ligada à igreja católica já a segunda esta ligada ao culto religioso afro-brasileiro, e em algumas localidades da cidade de Marabá como no bairro do Amapá onde também se tem a festividade do Divino ela não se encontra ligada a nenhuma religião. Essas particularidades não afetam a estrutura geral da festa, pois a mesma funciona de uma maneira própria, apesar delas estarem ligadas ou não a uma religião seus ritos principais acontecem em três ou quatro dias, nos quais de fato o divino prevalece.

Entre alguns exemplos está primeiramente o levantamento e a derrubada do mastro assim como a comensalidade que se vê em todas as festas do Divino, a fartura e um dos elementos bastante significativos nas festividades do Divino como Ferreti (1999) nos relata:

O buscamto do mastro costuma ser realizado num domingo antes do início da festa. O mastro, um tronco de árvore longo com sete a dez metros de comprimento, colhido previamente pelo doador em pagamento de promessa, é levado para uma casa próxima. O buscamto constitui um ritual predominantemente masculino, realizado por homens amigos da casa, que se reúnem para carregá-lo, distribuindo-se bebidas alcoólicas e fazendo brincadeiras com conotações eróticas relacionadas aos elementos fálicos simbolizados pelo mastro. (p.8).

E continua:

O levantamento do mastro assinala a abertura da festa. É feito à noite, com ladainha, batismo, padrinhos, império, caixeiras, música e grande animação, reunindo bastante gente. A cerimônia do levantamento exige perícia e coordenação do trabalho de vários homens, encarregados de cavar o buraco e erguer o mastro com cordas e escadas. (1999, p.8).

Nas cerimônias que envolvem o mastro as mulheres são quadjuvantes nesta parte do ritual. O levantamento do mastro é acompanhado por cânticos na vila ela faz uma pequena caminhada até a igreja em alguns lugares a caminhada é um pouco mais extensa depende do espaço em que acontece a festividade.

“A derrubada do mastro é uma das etapas rituais importantes que assinalam a finalização da festa”. (FERRETI, 1999, p. 10). Na vila também é onde se dá a finalização do ritual que acontece juntamente com a despedida dos foliões.

“A fartura na comida é um dos elementos simbólicos importantes dessa festa. Fala-se que quem come na festa do Divino terá sempre comida em casa”. (FERRETI, 1999, p. 9). A comensalidade é uma parte bastante significativa da festa, as comidas são muitas das vezes servidas a todos que se encontram na festividade durante dois dias da festividade o sábado e o domingo e isso requer uma entrega máxima das mulheres que preparam toda essa comida, geralmente elas começam os preparos pela madrugada, dando continuidade pela manhã bem cedo.

A comensalidade é algo que me chamou muita atenção, tanto pela particularidade que a comida tem dentro da festividade, como pelo seu significado, todos ajudam na parte da comida apesar de no sábado e no domingo os responsáveis pelo almoço e pela janta são as famílias do capitão do mastro e da alferes da bandeira, que por uma promessa alimentam todos os personagens da festividade e também parcela dos moradores da vila, sobre as promessas é algo que eles não nos contam eles carregam a superstição de que se contarem o que envolve o pedido que decorreu na graça recebida essa graça possa ser quebrada. Eu mesma voltei uns dois quilos mais cheinha do meu trabalho de campo, pois o que mais se fazem depois do seguimento dos rituais é comer e bem.

A confecção das vestimentas especiais para uma dezena ou mais de crianças que representam o império do Divino exige a colaboração de muitas costureiras que confeccionam um ou mais vestidos para cada menina, ternos e fardas para os meninos, todos usando luvas, sapatos novos, com manto ou “capote” de veludo bordado, para os imperadores. (FERRETI, 1999, p. 5).

Sobre as vestimentas apenas o capitão do mastro e a alferes da bandeira tem sua própria vestimenta, as rosas e os anjos usam as roupas que foram confeccionadas através de doações de moradores onde os mesmos vestem antes de começarem os rituais no salão da igreja onde as mesmas são guardadas, as mães das rosas arcam apenas com a sandália e a tiara que fazem parte do *look* usado por elas como podemos notar na fala da mãe de uma das rosas quando pergunto sobre a vestimenta que sua filha iria usar, pois a minha intenção era fotografar as vestimentas, no entanto eu não me atentei a realidade social que a vila se encontra e ela me responde o seguinte:

Não os vestidos a gente devolve ai a tiarinha não, a tiarinha a gente fica e a sandália, ne porque mas o vestido agente devolve ne porque o vestido as vezes e da igreja também[...]. Só um ano que a gente pagou num foi cumade os outro anos não que a mulher compra[...]. Ai vai passando pra próxima.(MÃE DA ROSA AMARELA⁴, entrevista concedida no dia 27/05/2017)

Diferente dos luxos encontrados nas festividades por aí a fora a realidade da vila é diferente, os mesmo além de necessitarem de ajuda para manterem as festas eles não recebem uma atenção maior dos órgãos responsáveis eles os ajudam, mas de uma maneira irrisória, e costuma chegar a verba apenas depois do termino da festividade os moradores geralmente dão um tiro no escuro para poderem manter esta tradição.

Este empasse que se dá entre trabalho com certos conceitos, se deriva de muitas pesquisas já realizadas, onde certas pesquisas englobam deste o conceito de Folclore ou ate mesmo o conceito de cultura popular, a festividade se enquadra em uma cultura popular onde

⁴ Nome fictício.

também pode derivar do conceito religião popular e até mesmo folclore. Fico então com a concepção de Deslandes (2002) onde a mesma fala:

Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, da conta de explicar todos os fenômenos e processos. O investigador separa, recorta determinados aspectos significativos da realidade para trabalhá-los, buscando interconexões sistemáticas entre eles. (p.18).

A verdade é que tudo compõem um processo de bricolagem onde a partir da perspectiva de cada pesquisador, teorias vão surgindo compondo ela os seus mais variados conceitos, na festividade do Divino não é diferente suas particularidades resultaram em uma bricolagem onde cada pedaço ou fase do ritual se dá em uma maneira que complete ou incremente a outra nada nestes rituais são apenas repetidos, mas sim culturalmente aprendidos onde sofrem mudanças decorrentes de várias coisas que envolvem aquelas pessoas que estão à frente do mesmo.

REFERÊNCIAS

Entrevista coletiva. Mãe da rosa amarela. [27 de maio 2017] Entrevista concedida a: Priscila Dias Pinto e Sheila Kaline Leal da Silva. Marabá, 2017.

BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana, 1883-1911**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues - **Memória do sagrado Estudos de religião e ritual**. Disponível em <http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/memoria_sagrado.pdf> Acesso em 15/06/17.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade/** Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecilia de Souza Minayo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. **Festa do Divino no tambor de mina: Estudo de ritos e símbolos na religião e na cultura popular**. In: XXV Conférence de la Société Internationale de Sociologie des Religions (SISR) Université Catholique de Leuven, Bélgica, de 26-30 juillet 1999.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem: um estudo sistemático dos ritos da porta de soleira, da hospitalidade, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.; tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta**. 4. Ed. Petrópolis, Vozes, 2013.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.2003.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom.** London: John Murray, 1871.